

ÍNDICE

Prefácio – A DISTRAIR OS DEUSES. À Margem de Paradigmas	11
---	----

CASA-COLO

Casa-colo	17
Inclinações	18
Caminhos ancestrais.....	19
Aqui... ..	20
Muros velhos	21
A que sabiam.....	22
Água de beber... ..	23
Ai, o que eu daria... ..	24
Balada da velha Casa	25
Dias de Azul.....	26
(Those) Days of wine and roses	27

EM VOO

Partir.....	31
Mediterrâneo	32
Eivissa (Ibiza)	33
A Arcontessa (Hydra, em 2025).....	35
Hydra (em 1974)	36
Temístocles	38
Raio Verde (Cabo Sounion).....	39
Cefalú.....	40
Marraquexe	41
No Café des Nattes.....	43

Sereníssima	44
Na Costa da Morte	46
Galiza (2025).....	47
Estrada de Santiago.....	49
Sanxenxo.....	50
Para Ocidente	52
Islândia.....	54
No Malecón (Havana, 2000)	56
Para Oriente	58
O Sol dos Hititas	60
No Palácio de Verão (Pequim – Yuanmingyuan, 2012)	62
No Douro	63
Na foz do Mira.....	64
O Portinho do Canal.....	65
Furnas.....	67
No fim do dia (Foz do Mira).....	69
Na Serra da Estrela.....	70
Na serra algarvia	71
Voa!	72

NÃO SEI QUE NOME LHE DAR...

Ave-do-paraíso.....	75
Como lhe chamarei?	76
Pretextos.....	78
Sede.....	79
A dar conta de mim.....	80
Menino que olhas o mar.....	81
Amargor	83
Esconjuro	84
Pseudo-vida.....	85

Talvez.....	86
Terapia	87
Outono – ressignificação.....	88
Da textura do vidro	89
O chá	90
Pedras preciosas	91
Faz de conta	92
Palavras e poemas	93
<i>Blow up</i>	94
Não sei que nome lhe dar.....	95
Da natureza das coisas	96
Faz-me falta	97
Guerra!	98
Reduto	99
Glissando	101
Limbo.....	102
Dores de alma	104
Vamos lá, que chega o Verão	105
Um filtro, precisa-se.....	106
Arrumações de Outono	108
Os meus dias	109
Vaivém.....	111
Domingo	112
Depuração	114
Obsessão	115
<i>Pot-pourri</i>	116

A DISTRAIR OS DEUSES

Às vezes... ..	119
Que graças daria.....	120

Amizades virtuais.....	121
Poção Mágica.....	122
A distrair os deuses	123
Arejo	124
Matemática.....	125
Rol de primavera.....	126
Hora mágica	127
Vá lá, coragem.../ Primavera.....	128
Dança de Roda	129
Como se... ..	131
Catálogo impressionista	132
<i>Intermezzo</i>	134
<i>Happiness</i>	135
Canto Primaveril	136
Adivinhação	137
E é isto!	138
Serenidade, dizem... ..	139
A matéria dos sonhos	140
Centelha	141
Receita para dar graças	142
Invente-se.....	143
Folhas de Outono	144
O liquidâmbar – 2	145
<i>To everything turn, turn, turn...</i>	146
Conta-me histórias... ..	147
Caleidoscópio.....	148
O barquinho de papel	149
Manhãs de flores e tardes soalheiras.....	151
Gatilhos	152
Aos meus Amigos, em 31/12/2024.....	153

O lampejo.....	154
A vida a cores.....	156
Ondina.....	157
Leva-me contigo	159
Passe de mágica	160
Cavaleiro das causas perdidas.....	161
Revigorantes	162
Gota de orvalho.....	163
Entardecer (II).....	164

AINDA É TEMPO!

Ainda é tempo!.....	167
Que venha a rua	168
Anedota	169
Que nunca em nosso nome... ..	171
Que a Terra é plana... ..	172
Primavera	173
A Fresta (Cessar-fogo).....	174
Os senhores do mundo	175
Em nome do progresso.....	177
Ó mês de Março!.....	178
Ousar dizer que não	179
Burocracia	180
Do receio.....	181
Festejar Abril em Novembro	183
A barca.....	184
E pur si muove... ..	186

PREFÁCIO

A DISTRAIR OS DEUSES

À Margem de Paradigmas

Se ama os espaços livres, o azul?

Era pequenina e os médicos já lhe recomendavam a proximidade do mar.

Futura cientista social aprendia a disciplinar os sentidos, maiores do que o seu tamanho, para abarcar a lonjura dos barcos no horizonte, o grasnar das gaivotas com voos rasantes entre céu e terra, a marca dos passos na areia até às poças de água onde a vida em “pequena escala” pulsava.

Margarida Chagas Lopes aprendeu a impregnar-se da magia do soberbo Azul e da luminosidade de paisagens Brancas no coração de recantos ricos em História e Mitologia. Este seu livro, **A DISTRAIR OS DEUSES**, é um tratado de viagens onde esses elementos acordam a vida, ou apaziguam emoções alvoroçadas.

Com ela viajamos até aos lugares, olhamos, vemos o que a autora viu, pela sua capacidade de envolver o leitor nas descrições exemplares dos pequenos retiros em cada país visitado, ou nos recantos de Portugal onde a água, as paisagens física e humana, são personagens de relevo, espelhos de estados de alma que a mais ninguém confia, mundos onde antevê, perfeitamente organizado, aquele que tantas vezes a decepciona.

Percebemos que não se trata só de viagens por novas geografias. A par delas, muito aprendemos com as viagens conceptuais à volta da sua interioridade. Basta reparar na divisão abrangente dos cinco compartimentos do livro, para imaginar-lhe a dimensão:

1– Casa colo

2 – Em voo

3 – Não sei que nome lhe dar

4 – A distrair os Deuses

5 – Ainda é tempo

Casa-colo, de que o primeiro poema com o mesmo título é paradigmático, condensa as experiências existenciais no refúgio atemporal onde se juntam gerações alegres de viventes, com memórias dos que deixaram a sua marca. É branca, também ela, rodeada de verdura, impregnada de sons e imagens de familiares e servidores no *continuum* de gerações.

À **Casa**, ainda com cheiro de lençóis brancos de linho, de sabão marselha, de alfazema, Margarida Chagas Lopes vai buscar as cores de um viço que os dias não apagam na moldura do Tempo. Afinal o seu esforço para manter os laços, está preso aos cadilhos de afecto revigorados pelas estadias regulares. Percebêmo-lo melhor na primeira estrofe de **Água de Beber**: “*...em improvisado de jazz/ os sons do saxofone alto/ a percutir as paredes velhas/ a fazê-las vibrar em tom festivo/ em vez de adormecerem silenciosas/ carregadas de recordações antigas./ A velha Casa a rejubilar/ tons alegres, gente jovem...*”.

A sua habitação nos arredores de Lisboa, o poiso onde a vida permanece e o tempo gira aparentemente seguro, não chegaria para lhe encher a alma que tanto venera o alegre e colorido vaivém dos que, tendo partido, permanecem, dos que, ainda em crescimento, lhe devolvem “**a vida e a alegria...**”. Por isso estende os seus dedos até aos “**dedos de ramagem**” dessa entidade tutelar.

Em Voo é um roteiro de viagens em que procura uma evasão à rotina, a “**superação**” de si mesma em deambulações entre Norte e Sul magnéticos, Leste-Oeste e pontos colaterais, sempre à volta do fascínio do Branco e Azul das águas das populações ribeirinhas e marítimas em demanda da sobrevivência, não raras vezes de aventura. Viagens com actores de idades cronológica e mental diferentes, que também asseguram o fortalecimento da cadeia do Tempo em equilíbrio intergeracional.

Ao encontro da História, da Mitologia, da Verdade e Sedução dos lugares, da sua própria verdade, questiona as demais em cada

voo/aventura para outras geografias. A criança que, sozinha, procurava respostas na vastidão da paisagem, permanece sob a sua pele sempre à espera que mais um sonho tome a espessura da realidade.

Mas ela é feita de mudança, de muita intranquilidade. O que era belo e foi ideal, converteu-se em pesadelo recorrente, como o **Mediterrâneo** dos seus sonhos, o “*mare nostrum*” dos romanos. E pergunta, na terceira longa estrofe deste poema: “***Alguma vez terá sido mar-abrigo, ou mar de sonho?***”. Como sempre em cada verso o cuidado em auscultar as próprias interrogações, obriga-nos a revolvermos a memória em reflexões que têm o seu cabimento, embora em outras paragens de rara beleza deixe repousar o corpo e o espírito, como em **Marraquexe**, um dos mais lindos poemas que já construiu e que faz parte do seu livro **Ao Postigo**, editado em 2023.

Não sei que nome lhe dar é outro compartimento deste poemário. De temperamento forte e combativo sob a suavidade do trato, Margarida Chagas Lopes nunca se verga ao comezinho. Extremamente culta e preparada, entende melhor do que ninguém que há sempre espaços para preencher com novos conhecimentos. E dessa intranquilidade, ou inconformismo saudável, nascem as dúvidas, depois os poemas carregados de informação que exortam à reflexão urgente. Desafiam. É um desafio logo o primeiro deste conjunto, **Ave-do-Paraíso**, marcado pelo fino humor da autora, aqui sob uma aparente resignação: “***Não tenhas pena de mim/ a gaiola de grade dupla/ em que me vês encerrada/ não existe senão na realidade***”. E podemos contar com mais composições no mesmo tom, num capítulo em que sobressai a marca, manifesta ou latente, da Saudade, esse sentimento que convive connosco como parte do ADN, mas de sentido tão pronto escorregadio como as areias da ampulheta. Às vezes saudade do que foi, ou poderia ter sido, outras vezes saudade do que não foi e ainda é uma incógnita indizível pela qual sofremos, como se estivesse nos batimentos cardíacos.

A Distrair os Deuses são afinal os momentos do livro todo. À margem deles, mas sem esquecer a reverência a entidades que sempre

nos ensinaram a respeitar, todas as ousadias se desculpam, até acreditar que valem tanto como as outras as **Amizades Virtuais**. Afinal tanto aprendemos ou rememoramos nesse contacto de inusitada empatia: “*A inscrição conjunta de vontades em campanhas onde se/ exprime a força que nos anima...*”. E mais à frente: “*Sim, apesar do algoritmo vale a pena*”. Será uma forma de romper paradigmas, ou a natural rebeldia da expressão *Carpe Diem* no acto de agarrar as réstias de luz que fazem dos momentos bons uma epifania desejável.

Serão os melhores momentos, esses em que se contrai a rotina e se faz uma viagem começando a viajar ainda na planificação. Cada surpresa do dia entra nessa aventura de descobrir o que parecia para além dos sentidos e afinal, como uma utopia, começa a fazer parte deles. Mas este é um capítulo denso e tão belo como os outros, em que há mil cambiantes de cores e sentimentos para descobrir.

Ainda é Tempo sugere a espera da realização do sonho maior: um país, um mundo de gente equilibrada, tolerante, capaz, à frente dos destinos de povos subjugados. A insanidade e ignorância afligem. Nunca se desceu tão baixo. Mitigar as dores até se encaminhar o mundo para uma rota de convergência amigável, é uma preocupação que a autora não se cansa de brandir. Mas assim mesmo termina este seu empreendimento, um poemário grandioso, acreditando que Abril é uma barca carregada de empatia e que, a remos de solidariedade, ou a velas enfunadas pelo vento agreste da raiva, lá iremos porque tem de ser. **E pur si muove...** Havemos todos de conseguir dar o melhor de nós em conjugação de esforços e de “**partilhar o sol**” de toda a Humanidade.

A Distrair os Deuses, escreve Margarida Chagas Lopes num volume de poemas fascinantes, todos diferentes uns dos outros no estilo e na forma, que inspiram o mais céptico dos leitores a crer na força de **Poesia** como a sua.

Maria Helena Ventura

26/04/2026

CASA – COLO

Casa-colo

Fundo-me com as dobras das paredes
e no desvão vou escoando os meus silêncios
Casa... querida casa
meu casulo
para ti levanto os braços
peço colo
escondo os olhos cansados na verdura
sombras amigas e sempre acolhedoras
recantos tão antigos protectores
onde posso dar largas a mim mesma.
Dá-me colo querida casa
pega em mim
leva-me pela mão devagarinho
àqueles tempos onde só havia espanto
risos e choro que tanto acalentaste
quando tudo era sonho e ilusão
que os tempos trataram de apagar.
Aqui estou de novo casa querida
a tentar abrigar-me no teu colo
onde nada de mal sucederá
seca-me as lágrimas que querem regressar
afaga-me com teus dedos de ramagem
ao sabor da brisa da manhã
embala-me de mansinho pela noite
quando o sereno faz despertar aromas
alecrim, lúcia-lima madressilva
e a sombra da lua camponesa
se projecta nos arbustos do jardim
fazendo com que os meus olhos se derretam
e eu me deixe, por fim, apaziguar.

Inclinações

Lençóis de linho branco, antigo, macio
a cheirar a alfazema ou a sabão marselha
dobrados com esmero e a fazer feitiço
A caixa dos chás de folha e tão velha
que nunca na vida quis substituir
tem dentro os aromas com que espanto o frio
Lãs quentes que o Inverno está mesmo a pedir
afeitas ao corpo bem reconfortantes
que importa se o tempo já as fez puir
O serviço da avó tão gasto e usado
que só via a luz em datas marcantes
encerra memórias que fazem sorrir
Rendinhas e laços que se usaram dantes
em saco de veludo azul debruado
que de vez em quando gosto de abrir
A caneca de esmalte meio esbocelado
onde o café me sabe tão bem
quando de manhã estou meia a dormir...

...

Objectos de apego de que não abro mão
adoçam a vida ajudam-na a fluir.